

TRIBUTO AO PROFESSOR INGO VOESE

Prof^a. Dr. Maria Virginia Borges Amaral¹

Quem me orientará no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL?

Essa pergunta persistia sem resposta. Meu projeto de dissertação se inscrevia em um campo de conhecimento ainda não pesquisado no Programa de Pós-Graduação de Letras e Linguística – PPGLL/UFAL, em 1990. Meus estudos apontavam para as pesquisas em Análise do Discurso. Participei como iniciante de um grupo que analisava o discurso dos candidatos à presidência da República nas eleições de 1989 – Collor e Lula. Minhas primeiras leituras sobre a relação entre o discurso e a ideologia foi o livro de Bakhtin “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, o que me estimulou a continuar estudando os fundamentos críticos da teoria do discurso na linha francesa. Mas qual o professor que poderia ser meu orientador, visto que essa linha não estava instituída no Programa? Esse era o meu maior problema que requiritava solução imediata.

Certo dia, fui informada pela coordenadora do Programa que um professor, estudioso da Análise do Discurso, acabara de ser contratado pela Universidade e viria de Santa Catarina. Então pensei: pronto, já não tenho mais problema, tenho um orientador. Aguardei ansiosamente a chegada do professor. Nem pensei na possibilidade de ele não aceitar o meu projeto. No dia em que soube que o “novo professor” chegara, corri ao Programa e sem pedir licença, entrei na sala onde estava o Professor Ingo. Não lembro de ter batido à porta, mas lembro bem do susto que provoquei quando num impulso falei: “Eu sou Virgínia e o senhor será o meu orientador”. Por alguns instantes falei sem parar, enquanto o Professor olhava para mim com ar de espanto, até que tomei consciência da minha atitude e o deixei falar. Com um ar bastante sério e até intimidador disse que leria a minha proposta e voltaríamos a conversar oportunamente.

Entreguei-lhe um esboço de um projeto de dissertação que me foi devolvido poucos dias depois com as seguintes observações: *“Problemas: 1) Vaguidade dos termos; 2) Generalizações apressadas; 3) Idiosincrasia na fundamentação teórica, parece ‘panfletário’ – “é preciso”, “cabe”, “tende”; “em prol de...”; 4) A parte teórica deveria conter uma abordagem “discursiva” do que se diz sobre a ABESS, ou seja, se você optou pela AD, isso precisa se concretizar no modo de abordar, no direcionamento da teorização (trabalhar com os termos próprios da AD) etc. 5) Metodologia está vaga, não há especificação de técnicas e métodos de análise do discurso. Por que não usou Maingueneau?”*². Fiquei arrasada. Percebi que não seria fácil realizar o meu intento. O Professor foi muito direto, apontou as minhas falhas. A atitude idiosincrática era inconsciente e consistia em uma postura reveladora de auto-suficiência, oriunda de uma formação acadêmica um tanto desavisada.

O resultado desse encontro foi o estabelecimento de uma parceria entre um pesquisador experiente e uma estudante/professora³ ávida de conhecimentos, mas assustada. Agora eu tinha um Professor, mas um Professor que me provocava a todo instante, levava-me a questionar os meus conhecimentos, julgados por mim como irrefutáveis, já que traziam a marca de uma teoria crítica, alicerçados na minha suposta sabedoria marxista.

De repente tudo que eu acreditava saber passou a ser insuficiente ante os desafios teóricos que o Professor Ingo me colocava. Ele também estava disposto a conhecer o debate que o grupo de professores iniciantes em Análise do Discurso da UFAL estava realizando. Lendo os marxistas, e nos identificando com a leitura ontológica do ser social produzida por Lukács, começamos a nossa experiência de pesquisa.

Logo o Professor Ingo estava estudando conosco, da teoria lukacsiana à bakhtiniana; dele pudemos receber os ensinamentos sobre os lingüistas, especificamente os da teoria da enunciação, mas também sobre o pensamento de filósofos como Foucault. As manhãs de estudo em torno das disciplinas que ministrava no Programa de Pós-Graduação de Letras e Lingüística, nos anos de 1990, eram muito ricas. Cada discussão suscitava o interesse do grupo e a necessidade de aprofundar os temas gerados durante as reuniões. Os alunos viam no Professor Ingo o mestre/amigo, sempre preocupado com o crescimento e o

amadurecimento intelectual dos seus discípulos. Foram poucos anos de convivência acadêmica e de amizade.

Particularmente, tenho muitas marcas intelectuais produzidas pelo Professor Ingo na minha vida profissional. Registro ainda um acontecimento ao qual sempre me reporto, quando quero traduzir para os meus alunos a seriedade da postura acadêmica que se espera de um profissional. Fiz um trabalho no final de uma das primeiras disciplinas que cursei com o Professor para a obtenção de nota. Ao receber o trabalho de volta, observei que estava sem a nota e com a seguinte recomendação: *“Considero impossível juntar teoricamente autor X e autor Y⁴, ou mesmo o autor X citado (e que já não existe mais) com o autor Z! Por isso, as contradições teóricas impediram você (que é muito inteligente) de realizar um bom trabalho. Lamento que você não se tenha dado conta desse equívoco”⁵*. Mais uma vez ele foi rigoroso, e no ato de entrega do trabalho sugeriu-me mais atenção ao que dizem os autores. Mas a recomendação serviu-me de desafio; propus-me a refazer o trabalho que, ao ser revisto foi-me devolvido com uma nota e com o seguinte comentário: *Viu como a humildade teórica a fez crescer?!⁶*

Ele era assim: direto, não fazia rodeios, dizia o que pensava. Os efeitos do seu dizer não tinham meio termo, agradavam ou desagradavam; o mais importante é que em mim produziam um efeito que jamais será esquecido. Tenho as marcas dos seus ensinamentos. Trago comigo a experiência de ter vivido as exigências necessárias para a formação de um pesquisador.

Muito obrigada, Professor Ingo!

NOTAS

- ¹ Professora associado da Universidade Federal de Alagoas.
- ² As notas manuscritas são conservadas no projeto que faz parte do meu acervo pessoal.
- ³ Eu já lecionava no curso de graduação de Serviço Social da UFAL.
- ⁴ Os nomes dos autores referidos pelo Professor Ingo foram aqui omitidos.
- ⁵ As notas manuscritas são parte do trabalho conservado no meu acervo pessoal.
- ⁶ Não há registro escrito desse comentário, mas minhas lembranças dizem que foi feito no momento em que o Professor me entregou o trabalho, revelando-se como um dos mais significativos na minha formação.